

Os Usos das Fronteiras

A referência ao espaço cósmico como a “última fronteira” parece ter perdido boa parte do seu poder de persuasão. Com efeito, no tempo em que John Glenn retorna ao espaço, 36 anos depois da sua primeira aventura, a silenciosa revolução digital toma conta do quotidiano na terra e fora dela. A vida imita a Net. As versões poéticas (no sentido antigo do termo), segundo as quais a arte imita a natureza (Aristóteles), ou, inversamente, a vida imita a arte (Oscar Wilde), estão também disponíveis no mercado e encontram os seus compradores e as suas oportunidades. O efeito de simultaneidade é, de resto, intensificado pelas facilidades do formato digital guardar e comunicar informação, pelo que o modelo da história do tempo linear e causalista se tornou obsoleto. Os futuros cantantes e os passados gloriosos ou miseráveis coincidem agora num presente que se expandiu extraordinariamente.

É sabido que, para as posições eurocêntricas, a separação entre um centro e uma periferia era decisiva, constituindo no fazer político como na organização dos textos (como tão bem mostrou Derrida) uma longa estratégia tipicamente moderna. Daí que a manutenção do conceito de fronteira política, administrativa e metafórica fosse decisiva na constituição da modernidade.

Não é por acaso que as literaturas e culturas de língua portuguesa constituem um espaço privilegiado para o estudo das fronteiras, na acepção específica segundo a qual estas delimitam sociedades dominantes e resistentes. No entanto, as literaturas e culturas das comunidades de língua portuguesa afirmam-se cada vez mais na sua dimensão planetária, precisamente pela via da comunicação digital, que reduz a dispersão geográfica; precisam, pois, cada vez menos de pedirem desculpa por existirem, resistirem e florescerem. Eis um sentido muito positivo de fronteira: o de abrir um espaço de intercâmbio, onde o diálogo seja privilegiado, e capaz de dissuadir qualquer tentativa de colonização cultural. Embora o estudo das fronteiras seja

uma área liberal, justamente na medida em que se trata de dar dignidade epistemológica a sociedades mescladas, a divergências morais, a literaturas que insistem nas diferenças e nas margens, ao estrabismo de um sujeito que precisa de olhar a partir de dois pontos de vista, à identidade que é feita de contradições, também é certo que as fronteiras podem ser usadas na acepção aparentemente conservadora do verso “Good fences make good neighbors,” como escreveu o poeta Robert Frost.

O título *Portuguese Literary & Cultural Studies* pode levantar suspeitas interessantes no que às delimitações diz respeito. A separação e a coincidência mais fortes são as da literatura e da cultura. Vamos por partes. Os estudos literários atravessam um período de reconfiguração; os termos desta reformulação vão desde a ruptura com o cânone tradicional e a emergência de novas áreas de especialização (as Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa são um bom caso disso) à crítica dos processos hermenêuticos do entendimento literário (Gumbrecht). A literatura tornou-se mais um modo de ler, tantas vezes em segundo grau, do que a versão essencialista de um objecto definido *a priori*. Também os estudos da cultura não têm limites *naturalizados*. As actuais divergências das disciplinas da cultura mais parecem sugerir a investigação transdisciplinar numa rede universitária progressivamente transnacional do que a jurisdição ensimesmada de uma área de especialização. Cultura e literatura podem, pois, fecundar-se na leitura recíproca; esta é uma oferta de interpretação da copulativa ínsita no título *Portuguese Literary & Cultural Studies*, como fronteira a cruzar nos dois sentidos. As literaturas e culturas de língua portuguesa não são uma área de investigação objectivamente unificada, e a constituição do seu objecto de análise depende, à maneira duma revolução copernicana, das estratégias de abordagem. Nesta acepção, as fronteiras entre o literário e o cultural, entre o que são (e não são) os estudos das literaturas e das culturas de língua portuguesa, supõem um processo aberto de negociação, de revisão da teoria e um espaço de acolhimento de tensões metodológicas. A PLCS é uma contribuição para a instituição desse *lugar* sensível.

O cruzamento de fronteiras inscreve-se desde logo na organização da PLCS. Em primeiro lugar, o corpo textual da revista esbate a separação entre autor de artigo e autor de recensão crítica. Esta erosão implica uma valorização do leitor de segundo grau, como é mais evidente no caso da crítica de livros; por isso, os nossos colaboradores nesta categoria surgem na lista de “Contributors,” a par dos autores dos artigos. Daí que a fronteira

que usualmente divide nas revistas autores e revisores possa ser atenuada com claros benefícios. Em segundo lugar, a PLCS é uma revista multilingue, ou seja, assume que as literaturas e as culturas de língua portuguesa chegaram a uma idade em que podem abandonar o estatuto de minoridade que outras lhes atribuíram, quantas vezes com a cumplicidade das próprias. Os leitores de outras línguas devem ser estimulados para a aprendizagem da língua portuguesa. Assim, se nos pareceu insuficiente oferecer as literaturas e culturas das comunidades de língua portuguesa apenas em tradução, não cedemos igualmente à tentação de supor que só o original conta. A leitura é uma tarefa transcultural; o original perdeu decisivamente a sublimidade que costumavater.

Os colaboradores deste número da PLCS são maioritariamente jovens investigadores, embora na melhor companhia de nomes amplamente consagrados. Escreveram acerca dos usos das fronteiras nas humanidades e nas ciências sociais da sua especialização. Questões como a da importância das fronteiras nas literaturas e culturas de língua portuguesa foram-lhes explicitamente sugeridas. A possível construção da unidade dos artigos que resultaram da nossa proposta exige a consideração liminar da diversidade dos usos das fronteiras. Aos nossos colaboradores, agradecemos o empenhado contributo; os trabalhos seguem-se. As nossas estimadas leitoras e leitores, pelo melhor, decidirão.

Victor J. Mendes
Paulo de Medeiros
José N. Ornelas

Editores